

CAPOEIRA E ESCRAVIDÃO

Soares, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850*. 2ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2004. 608p.

A rápida expansão da capoeira ao redor do mundo globalizado resultou também em um crescente interesse acadêmico nessa arte marcial afro-brasileira. Um número cada vez maior de monografias e teses testemunha o fato de que a capoeira está se tornando um campo de pesquisa próprio. O livro de Soares, já em segunda edição, é importante não só para a história da capoeira, mas, de maneira geral, para a compreensão da gênese da cultura escrava e afro-americana. O autor garimpou nos arquivos um incrível número de fontes primárias, a maior parte das quais não havia sido utilizada anteriormente por outros pesquisadores.

Tanto praticantes de capoeira quanto estudiosos ficarão interessados no material coletado acerca das origens da arte marcial. Algo como 84% das centenas de africanos presos pela prática de capoeira durante o período de 1810 a 1821 (quando ela aparece pela primeira vez nos registros históricos) vieram da região do antigo reino do

Kongo e Angola; e entre estes os escravos do estuário do rio Congo eram particularmente proeminentes. Esse detalhe poderá não agradar àqueles que acreditam que o *n'golo* de Benguela foi o principal antecessor da capoeira; entretanto, dada a presença de crioulos e mestiços já naquele estágio inicial, o autor enfatiza que a capoeira era acima de tudo uma atividade escrava, mais do que “uma atividade exclusivamente africana. Na realidade, parece-nos que ela é fruto da combinação de tradições africanas dispersas com ‘invenções’ culturais crioulas.” (p. 125).

Os capoeiristas atuais podem ficar desapontados pelo fato de os registros proverem tão poucos detalhes concretos sobre o jogo propriamente dito. Ele nunca é descrito pelos policiais ou outras autoridades, e em razão disto nós ainda não sabemos muito acerca de sua prática em comparação a períodos posteriores, sobre os quais o próprio Soares escreveu um outro livro clássico (*A*

negrada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 2ª ed., Rio de Janeiro, Access 1999). Mas o autor fornece um denso relato sobre como a capoeira estava enraizada nas vidas dos escravos urbanos e dos libertos. Exercícios de capoeira, incluindo as sempre mencionadas cabeçadas, eram praticados nas praças da cidade, na área do porto, ao redor de igrejas que abrigavam irmandades de negros e próximo aos *zungus*, as residências e espécie de estalagens de escravos de ganho e “pessoas de cor” livres. A capoeira oferecia um espaço fundamental para a sociabilidade escrava masculina, mas também era uma arma para enfrentar outros escravos ou a polícia. Os primeiros capoeiras usavam laços coloridos, chapéus ou gorros que provavelmente marcavam seu pertencimento étnico. Soares sugere que lutas pelo acesso às fontes e pelo controle de praças resultaram na formação de gangues, mas, como ele mesmo reconhece, a evidência de que essas gangues existissem antes da década de 1840 é na verdade fraca. Muito bem documentadas, ao contrário, são as tentativas das autoridades de erradicar a capoeira, e a forma como as políticas em relação a ela mudaram ao longo do tempo. Nenhuma outra prática cultural jamais foi objeto de tão intensa (e em última análise mal-sucedida) repressão. Os escravos que fossem pegos

sofriam uma “correção imediata” de cem a trezentos açoites, além de serem muitas vezes enviados à prisão com trabalho (galés) nos estaleiros. Praticantes livres que incorressem nesse comportamento inaceitável em companhia de escravos eram também freqüentemente maltratados e engajados nas forças armadas. Uma parte substancial do livro trata da vida de capoeiras, e de escravos de forma mais geral, nas diferentes prisões da cidade e no arsenal da Marinha. Soares vê especialmente este último como um espaço importante para a geração de práticas de resistência mais abrangentes, dado que ali os escravos socializavam com prisioneiros políticos, marinheiros e soldados. Seu livro também cobre o papel crucial dos capoeiras na repressão ao motim promovido por soldados irlandeses e alemães em 1828, e o papel desempenhado pelos cativos que chegavam da Costa da Mina (a região do Golfo do Benim, na África) na comunidade escrava carioca. Ele enfatiza a divergência de interesses entre o Estado e os senhores de escravos, estes sempre se queixando da intromissão daquele em seus direitos de propriedade.

O quadro que emerge é o de dois terrores paralelos. As autoridades adotavam políticas de intimidação contra os capoeiras, e estes por sua vez instilavam o medo entre as elites. Soares insiste reiteradamente nas dores

de cabeça dos chefes de polícia e nos pesadelos das elites. Essa imagem extremamente tenebrosa de uma batalha desesperada para impor a lei e a ordem sobre uma população escrava rebelde é claramente um reflexo do tipo de fonte utilizada. Alguns podem considerar esta uma visão exagerada, já que afinal nenhuma grande revolta escrava jamais ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. Mas este seria o julgamento fácil do observador contemporâneo que olha para trás. A capoeira emerge deste estudo não como um irrelevante nicho para os historiadores culturais, mas como uma lente através da qual se pode apreender a interação mais complexa da cultura escrava com a política da elite. Uma vez que o livro é estruturado tanto temática quanto cronologica-

mente, ele tende a repetir evidências e argumentos. Por que repetir o que cada estudioso alguma vez possa ter dito sobre a capoeira do século XIX? Isso pode ser um problema comum em se tratando de terminar uma tese de doutorado sob a pressão dos prazos, mas poderia se esperar de uma editora acadêmica que tivesse um cuidado maior na revisão e na edição. O livro se beneficiaria enormemente de uma compactação do texto e da correção de certas estatísticas estranhas (por exemplo, as porcentagens na p. 601 somam 200% e ainda deixam de fora os 9 % de moçambiques!). Apesar desses problemas editoriais o livro permanece uma contribuição relevante para a história social da escravidão e um marco nos estudos sobre a capoeira.

Mathias Röhrig-Assunção

Professor do Departamento de História da Universidade de Essex, Inglaterra. Esta resenha foi originalmente publicada no *Journal of Latin American Studies* (Londres). Tradução do inglês de Fábio Baqueiro Figueiredo